



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

CONDIÇÕES E RELAÇÕES DE TRABALHO E SEU IMPACTO NA SAÚDE E ADOECIMENTO DE ASSISTENTES SOCIAIS GAÚCHAS

TATIANA REIDEL¹

CAROLYNE ZGIEVSKI BARRETO²

JÉSSICA SILVEIRA TELES³

FABÍOLA FISCHER⁴

Resumo:

Este artigo analisa as condições e relações de trabalho e seu impacto na saúde de assistentes sociais do Rio Grande do Sul, em meio à crise estrutural do capital. A pesquisa, com abordagem marxista e metodologia mista, coletou dados de 2.930 profissionais. Os resultados mostram que a precarização das condições e relações de trabalho tem adoecido física e mentalmente as assistentes sociais gaúchas.

Palavras-chave: Condições e Relações de trabalho, Serviço Social, Adoecimento.

Abstract:

This article analyzes working conditions and relations, and their impact on the health of social workers in Rio Grande do Sul, within the capital's structural crisis. The research, with a Marxist approach and mixed methodology, collected data from 2,930 professionals. The results show that working conditions and relations directly affect the physical and mental health of social workers in Rio Grande do Sul.

Keywords: Working conditions and relations, Social Work, Illness.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

1. Introdução

Entender o processo de saúde-doença como resultado das condições de vida e trabalho é uma perspectiva que surge de questionamentos feitos por trabalhadores organizados coletivamente. Esses questionamentos surgiram no contexto do aumento das desigualdades sociais e econômicas, que acarretam em adoecimento, causadas pelas relações de exploração durante a implantação e expansão do modo de produção capitalista na Europa, o que levou à precarização das condições de vida da população. (Moreira, 2013)

A mercantilização da força de trabalho foi adquirindo, ao longo do tempo, novas configurações, a partir do desenvolvimento tecnológico e dos diferentes modelos de gestão do trabalho e, junto com elas, diferentes formas de extrair mais-valia. Embora os acidentes de trabalho não sejam algo novo para a classe trabalhadora, “[...]com a produção em massa, a ampliação do controle e a intensificação do trabalho, proporcionadas pela expansão do taylorismo-fordismo, novas formas de acidentes e adoecimentos com nexos laborais passaram a fazer parte do cotidiano do trabalho”. (Antunes, 2018, p. 157). A introdução da maquinaria nos meios de trabalho em consonância com a não qualificação dos trabalhadores, a desproteção e a contrarreforma trabalhista legais são fatores responsáveis pelo grande número de acidentes dentro das fábricas, indústrias e usinas – junto com o desenvolvimento tecnológico (acrescido do fato de falta de qualificação das informações para o uso da tecnologia), crescem os riscos aos quais são submetidos a classe trabalhadora.

Os trabalhadores que se encontram nesse contexto de constante intensificação da precarização laboral tornam-se mais suscetíveis a acidentes e ao processo de adoecimento causado pelas novas configurações na fase de acumulação flexível do capital.

[...] o termo precarização se construiu a partir da realidade concreta das transformações contemporâneas no mundo do trabalho vivenciadas pelos trabalhadores, através das más condições de trabalho a que estavam submetidos, refletidas na ausência e/ou redução dos direitos trabalhistas, no desemprego que assola grande parte da população, na fragilidade dos vínculos de trabalho, enfim, de diferentes formas que fragilizam acentuadamente a qualidade de vida do trabalhador” (Cavalcanti; Prêdes, 2010, p. 3).

A fragilidade dos vínculos trabalhistas assim como as más condições de trabalho são encontradas também no cotidiano de trabalho dos/as assistentes sociais brasileiros/as. Sendo o Serviço Social uma profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho, cujo objeto são as diferentes expressões da questão social, o/a assistente social é chamado para atuar frente a tais

expressões. Por fazerem parte da classe trabalhadora e inseridos nos mais distintos processos de trabalho, vêm vivenciando cotidianamente os desmontes das políticas públicas, o sucateamento dos equipamentos, e precarizações de toda a sorte como terceirizações, pejotizações, contratos informais, contratos intermitentes, pressão por metas, falta acesso à educação permanente etc.

Pensando a realidade que permeia o cotidiano de trabalho dos/as assistentes sociais, realizou-se, no ano de 2019, uma pesquisa “guarda-chuva”, que objetivou investigar como se configura o perfil, a formação e o trabalho do/as assistentes sociais no estado do Rio Grande do Sul com vistas a delinear desafios e estratégias profissionais para atuação das entidades da categoria e de Unidades de Ensino, além de contribuir no fortalecimento da hegemonia do Projeto Ético-Político Profissional. O estudo contou com a participação de 2.930 assistentes sociais ativos à época da coleta, que responderam a um questionário de 80 questões dividido pelos seguintes eixos-temáticos: Perfil Profissional; Formação Profissional; Trabalho Profissional; Estágio Supervisionado; Entidades Representativas; e Educação Permanente.

A pesquisa fundamentou-se no método dialético-crítico marxista, constituindo-se como um estudo quanti-qualitativo. Além do questionário, foram realizados 02 Grupos Focais nas Seccionais do Conselho Regional de Serviço Social do RS (nas bases de Caxias do Sul/RS e Pelotas/RS) e com representantes dos Núcleos de Base do CRESSRS, os NUCRESS.

Alguns dos dados principais foram devolvidos à categoria profissional através de capítulos de livros e artigos científicos ao longo dos anos de 2022 e 2023, tendo muito ainda a se explorar devido à grande extensão de dados coletados. Dentre eles, elementos importantes sobre as condições e relações de trabalho das/os assistentes sociais gaúchas, e que ainda não foram divulgados, sendo possível desvendar que a categoria de assistentes sociais no Rio Grande do Sul teve algum tipo de adoecimento relacionado ao trabalho entre os anos de 2014 a 2019.

Diante disso, o presente artigo visa analisar como as condições e as relações de trabalho impactam na saúde e no adoecimento das assistentes sociais do Rio Grande do Sul. Para tanto, inicialmente se buscará contextualizar o processo saúde-doença do trabalhador à vista do modo de produção capitalista evidenciando, neste contexto, o trabalho do/a assistente social. Na sequência, serão apresentados alguns dos dados referentes à saúde dos assistentes sociais gaúchos, bem como as considerações finais.

2. Adoecimento de Assistentes Sociais do RS diante das condições e relações de trabalho



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Segundo o Ministério da Saúde, “o processo saúde-doença dos trabalhadores tem relação direta com o seu trabalho” (Ministério da Saúde, 2024), não podendo simplesmente ser relacionado a um agente específico ou a um grupo de fatores, mas sim às “condições de vida das pessoas e expressos também pelo modo como [elas] vivenciam as condições, os processos e os ambientes em que trabalham” (Ministério da Saúde, 2024). Ou seja, o modo como produzimos nossa vida material condiciona nosso modo de viver em sociedade, ou seja, através do trabalho. Contudo, as condições que temos para exercer o nosso trabalho acabam por influenciar na nossa saúde.

Nesse sentido, “a Saúde do Trabalhador enquanto campo do conhecimento reconhece a centralidade do trabalho no processo saúde-doença.” (MENDES; WÜNSH; REIDEL, 2019, p.170). Para além dos acidentes de risco físico, há a crescente pressão quanto à produtividade que intensifica o adoecimento mental dos trabalhadores, sendo mais uma faceta do processo de precarização do trabalho, já que torna responsabilidade do trabalhador garantir certa margem de lucratividade – fator que interfere diretamente em seus salários, visto a constante flexibilização das relações de trabalho.

Especificamente no campo do Serviço Social, as condições e relações de trabalho mudaram consideravelmente, especialmente “pós” pandemia de Covid-19 no Brasil, com o aumento do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e a ampliação do trabalho em regime de Home Office e trabalho remoto, que expandiram a lógica da precarização, uma vez que o institucional invade o ambiente doméstico, possibilitando mais horas de trabalho, muitas vezes sem ajuda de custo por parte das instituições com luz ou equipamentos necessários à manutenção do trabalho.

Visando conhecer melhor as conformações atuais da categoria de assistentes sociais no Brasil, o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) publicou recentemente os dados da pesquisa de cadastramento nacional (2022), onde a grande maioria da categoria profissional se identifica do gênero feminino (92,92%), com uma representação de 41.083 profissionais, das 44.212 respondentes. A partir destes dados, a mesma pesquisa aponta que 30,88% das profissionais participantes, um equivalente a 2.833 assistentes sociais, alegaram ter sofrido adoecimento devido às condições inadequadas e às relações de trabalho.

Os dados do cadastramento do CFESS (2022) ainda revelaram, dentre os elementos causadores do adoecimento no trabalho, aqueles que “decorrem de condições de trabalho inadequadas e relações de trabalho abusivas” (CFESS, 2024), entre eles, espaços de trabalho

insalubres (18,45%); dificuldade de acesso a recursos (9,5%) e redução de recursos materiais e humanos (5,13%), estes todos ligados às condições de trabalho. Já os fatores ligados às relações de trabalho estão: ausência de reconhecimento institucional de valorização do trabalho (13,62%), ausência de diálogo e colaboração (10,79%) e assédio moral (9,80%).

Na Pesquisa Perfil, Formação e Trabalho de Assistentes Sociais no Rio Grande do Sul (2019), os resultados quanto à caracterização da categoria, evidenciam que de um total de 2930 respondentes, 2.596 profissionais são do gênero feminino (93,79%); 2.291 de cor branca (82,77%); 984 com faixa etária dos 30 aos 39 anos (35,6%); e 646 residentes em Porto Alegre (23,34%).

No que tange às condições e relações de trabalho, a pesquisa trouxe informações relevantes e que podem ser relacionadas ao adoecimento das assistentes sociais gaúchas. Ao serem questionadas pelas principais precarizações vivenciadas em seus espaços sócio ocupacionais, mais da metade das participantes, ou seja, 1.040 (54,31%) assistentes sociais indica que as condições e/ou recursos para exercer seu trabalho são insuficientes, como é possível verificar no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Principais precarizações vivenciadas no espaço de trabalho das assistentes sociais do Rio Grande do Sul:

Opções de Respostas	Respondentes	
Contrato de trabalho	17,96%	344
Condições Salariais	37,65%	721
Condições/recursos insuficientes para a realização do trabalho	54,31%	1.040
Outro	23,03%	441
Total de respondentes	1.915	

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos resultados da Pesquisa Perfil, Formação e Trabalho de Assistentes Sociais no Rio Grande do Sul (2022).

O Quadro 1 ainda evidencia que 37,65%, ou 721 assistentes sociais, apontam as condições salariais como um importante fator de precarização vivenciado no seu trabalho, seguido por 441 (23,03%) que afirmam vivenciar outros tipos de precarização do trabalho. Já 344 assistentes sociais, ou 17,96% acreditam que a precarização está no seu contrato de trabalho.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Os dados do Quadro 1 nos permitem inferir, em última análise, em consonância com o que foi apresentado da pesquisa de recadastramento em território nacional pelo CFESS que, no que tange às condições de trabalho, a falta de recursos, sejam eles materiais, financeiros ou humanos, está diretamente ligada ao adoecimento dos assistentes sociais que, como qualquer outra categoria de trabalhadores assalariados, necessita de condições mínimas para conseguir exercer o seu trabalho, especialmente quando este trabalho está intimamente ligada à prestação de serviços às pessoas que necessitam de acesso aos seus direitos sociais básicos.

As relações de trabalho também são importantes indicadores de agravamento da saúde dos assistentes sociais, como é possível verificar no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2: Fatores que causam agravo à saúde dos assistentes sociais gaúchos na relação com o trabalho. (Considere 01 para menor agravo e 05 para maior agravo)

Opção	1	2	3	4	5	TOTAL
Sobrecarga de trabalho	14,32%	10,93%	20,61%	21,74%	32,40%	1.858
	266	203	383	404	602	
Pressão (de ordem hierárquica) por parte de chefia para cumprimento de tarefas ou metas	22,12%	16,42%	18,51%	18,57%	24,38%	1.858
	411	305	344	345	453	
Na relação com os colegas	30,62%	19,54%	23,04%	15,72%	11,09%	1.858
	569	363	428	292	206	
Falta de condições de atendimento à população usuária	25,78%	13,94%	19,97%	17,22%	23,09%	1.858
	479	259	371	320	429	

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos resultados da Pesquisa Perfil, Formação e Trabalho de Assistentes Sociais no Rio Grande do Sul (2022).

Na pesquisa aplicada aos assistentes sociais do Rio Grande do Sul, foi solicitado que colocassem em uma escala de 1 a 5, sendo 1 para menor agravo e 5 para maior agravo, aquilo que consideravam ser o que mais afetava a sua saúde. Ao observarmos a coluna 5, que indica maior agravo, é possível verificar que 602 participantes, ou 32,40%, verificam que a sobrecarga de trabalho é o que mais lhe adocece.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Já 24,38%, ou seja, 453 participantes, afirmaram que a pressão por parte da chefia para cumprimento de determinadas tarefas ou metas era o que mais lhe adoecia. Este resultado é seguido diretamente pela falta de condições de atendimento à população usuária, assinalada por 23,09% (429 participantes). Por fim, a relação com os colegas é o que menos causa agravo à saúde dos assistentes sociais no seu espaço de trabalho, opção indicada por uma minoria de 206 profissionais (11,09%).

Como se pode ver, a partir do que é trazido no Quadro 2, as relações de trabalho que possuem cunho adoecedor são potencialmente de ordem vertical, hierárquica, e não horizontal, na relação com os iguais. Isso porque a pressão por melhores resultados e quantificação do trabalho vem de cargos mais altos e não dos colegas de trabalho. Nesse sentido, o Quadro 3 apresenta os dados daqueles assistentes sociais que afirmaram ter sofrido assédio moral no seu espaço sócio ocupacional nos últimos cinco anos:

Quadro 3: Assistentes sociais gaúchos que sofreram assédio moral no espaço de trabalho nos últimos cinco anos:

Opções de Respostas	Respondentes	
Não	48,39%	899
Sim	51,61%	959
Total de respondentes	1.858	

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos resultados da Pesquisa Perfil, Formação e Trabalho de Assistentes Sociais no Rio Grande do Sul (2022).

O Quadro 3 indica que ao menos 959, ou seja, 51,61% dos 1858 assistentes sociais que responderam à questão sobre assédio moral, já foram vítimas desta prática no seu local de trabalho. Este resultado também foi evidenciado, embora em menor escala, na pesquisa de recadastramento do CFESS (2022), o que sugere que o assédio moral está presente no cotidiano de trabalho dos assistentes sociais e que também pode ser um importante indicador de adoecimento destes profissionais.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Finalmente, com relação ao adoecimento no trabalho, das 1890 profissionais que responderam ao questionamento sobre problemas de saúde relacionados ao trabalho nos últimos cinco anos, 781 assistentes sociais (41,32%) afirmaram ter sofrido alguma doença em decorrência da sua atividade laboral. O Quadro 4 apresenta os problemas de saúde relacionados ao trabalho e vivenciados nos últimos cinco anos, pelas(os) assistentes sociais do Rio Grande do Sul:

Quadro 4: Representação das doenças relacionadas à saúde sofridas pelas assistentes sociais gaúchas entre 2014 e 2019.

Opções de Respostas	Respondentes	
Síndrome do pânico	18,46%	139
Depressão	45,55%	343
Doenças osteomusculares (LER/DORT/coluna/outros)	29,22%	220
Cefaléia crônica (ou enxaqueca crônica)	29,75%	224
Gastrites e outras doenças digestivas	38,38%	289
Outro	31,61%	238
Total de Respondentes	753	

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos resultados da Pesquisa Perfil, Formação e Trabalho de Assistentes Sociais no Rio Grande do Sul (2022).

O Quadro 4 acima evidencia que 45,45%, ou seja, 343 profissionais afirmaram ter desenvolvido depressão, enquanto 17,85% (139 assistentes sociais) relataram ter síndrome do pânico, o que sugere que a pressão constante por resultados e a sobrecarga de tarefas pode estar contribuindo significativamente para o surgimento dessas condições. Esses distúrbios, não apenas afetam a qualidade de vida das trabalhadoras, mas também podem comprometer a eficácia e a qualidade do serviço prestado à população.

A concepção de desgaste mental proposta por Seligmann-Silva (2011) facilita a compreensão de como o sofrimento relacionado às relações de produção e reprodução capitalistas afeta a vida da classe trabalhadora. Essa abordagem possibilita a realização de estudos e pesquisas que se concentrem nas experiências dos trabalhadores, levando em conta as condições objetivas de trabalho e a incidência na saúde destes sujeitos. Isso inclui desde as exposições físicas até as formas mais sutis de organização e gestão do trabalho, que visam

dominar tanto o corpo quanto a subjetividade dos trabalhadores para maximizar a extração de mais-valia.

Além dos distúrbios de ordem psicológica, 289 participantes (38,38%) mencionaram ter adquirido gastrites e/ou outras doenças digestivas como consequência do exercício profissional. Também foram citadas as doenças osteomusculares (28,43%) e cefaleia crônica (29,59%). Esses dados, podem indicar que as condições de trabalho e longas jornadas, estão afetando o bem-estar físico das assistentes sociais.

Os dados da pesquisa do Rio Grande do Sul, comparados com os dados nacionais, mostram uma discordância entre os fatores mais citados como causadores de adoecimento. Enquanto a pesquisa estadual destaca a sobrecarga de trabalho e a pressão por metas como principais fatores, os dados nacionais apontam para a insalubridade do ambiente de trabalho e a falta de reconhecimento institucional. Essa diferença pode indicar que, no contexto do Rio Grande do Sul, as demandas emocionais e cognitivas do trabalho estão mais presentes ou são mais intensas do que os riscos físicos associados à insalubridade.

Os dados obtidos pela pesquisa Perfil, Formação e Trabalho dos Assistentes Sociais no Rio Grande do Sul sobre as condições de trabalho oferecem, ainda, um panorama sobre as principais dificuldades enfrentadas no exercício profissional, conforme é possível visualizar no Quadro 5:

Quadro 5: Indicativo dos principais desafios/dificuldades para o exercício do trabalho identificado pelos assistentes sociais do Rio Grande do Sul no seu espaço sócio-ocupacional:

Opções de Respostas	Respondentes	
Insegurança do emprego	23,04%	349
Precárias formas de contratação	15,45%	234
Intensificação do trabalho	40,13%	608



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Aviltamento dos salários	21,91%	332
Pressão por aumento de produtividade	23,30%	353
Pressão por resultados imediatos	30,36%	460
Ausência de horizontes profissionais de mais longo prazo	26,67%	404
Faltas de perspectiva de progressão de carreira	32,21%	488
Falta de perspectiva de ascensão na carreira	26,07%	395
Ausência de educação permanente	34,59%	524
Outro	13,86	210
Total de respondentes		1.515

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos resultados da Pesquisa Perfil, Formação e Trabalho de Assistentes Sociais no Rio Grande do Sul (2022).

A partir do Quadro 5, verifica-se que a intensificação do trabalho, mencionada por 40,13% (608 profissionais), reflete uma crescente sobrecarga de tarefas e responsabilidades que pode resultar em exaustão física e mental. Esse aumento na carga de trabalho muitas vezes não é acompanhado de recursos adequados, seja em termos de pessoal ou de infraestrutura, o que exacerba o estresse e compromete a qualidade do serviço prestado.

A falta de perspectivas de progressão na carreira, relatada por 32,21% (488 participantes), destaca outro aspecto crítico das condições de trabalho. A ausência de oportunidades para crescimento profissional e reconhecimento institucional pode gerar desmotivação e insatisfação, afetando tanto a produtividade quanto o bem-estar psicológico das assistentes sociais. Profissionais que não veem possibilidades de avanço em suas carreiras podem sentir-se estagnados, o que pode contribuir para o esgotamento emocional.

A pressão por resultados imediatos, mencionada por 30,36% (460 assistentes sociais), é mais uma fonte significativa de estresse. No contexto do serviço social, onde o trabalho muitas vezes envolve lidar com situações complexas e sensíveis, a exigência por soluções rápidas pode ser particularmente desafiadora, além de ir contra o que preconiza o Projeto Ético-Político do Serviço Social.

Esses fatores – intensificação do trabalho, falta de progressão na carreira e pressão por resultados imediatos – são apontados como os maiores causadores de adoecimento no trabalho, conforme evidenciado pela pesquisa nacional do CFESS acima mencionada. O impacto



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

cumulativo dessas condições pode levar ao desenvolvimento de problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade, bem como de problemas físicos decorrentes do estresse. Esses dados chamam a atenção para a necessidade urgente de intervenções voltadas para a melhoria das condições de trabalho das assistentes sociais no Rio Grande do Sul. Isso inclui a implementação de políticas de prevenção ao adoecimento, o desenvolvimento de estratégias para reduzir a sobrecarga de trabalho e a promoção de um ambiente de trabalho mais saudável e valorizador. Sem essas mudanças, a tendência é que os problemas de saúde física e mental entre essas profissionais continuem a aumentar, impactando não apenas suas vidas, mas também a qualidade dos serviços sociais oferecidos à comunidade.

Tais dados chamam a atenção para a necessidade urgente de intervenções voltadas para a melhoria das condições de trabalho das assistentes sociais no Rio Grande do Sul. Isso inclui a implementação de políticas de prevenção ao adoecimento, o desenvolvimento de estratégias para reduzir a sobrecarga de trabalho e a promoção de um ambiente de trabalho mais saudável e valorizador. Sem essas mudanças, a tendência é que os problemas de saúde física e mental entre essas profissionais continuem a aumentar, impactando não apenas suas vidas, mas também a qualidade dos serviços sociais oferecidos à comunidade.

Por fim, embora as novas condições e relações de trabalho estejam, de certa forma, impactando a saúde da categoria, manifestando-se em doenças como ansiedade, depressão e lesões por esforço repetitivo, a discussão sobre o adoecimento dos assistentes sociais jamais se tornará obsoleta enquanto persistir a exploração do homem pelo homem. Afinal, entender os processos que causam adoecimento - tanto do indivíduo quanto da classe - é uma forma de resistência.

Conclusões Preliminares

O adoecimento de trabalhadores, assistentes sociais, decorrente das suas condições e relações de trabalho, é um tema de grande relevância e que merece uma análise cuidadosa. O ambiente de trabalho desta categoria profissional é caracterizado por desafios intensos, como a sobrecarga de tarefas, a solicitação constante de atribuições indevidas, o cerceamento da autonomia profissional, a precarização dos serviços públicos e as demandas emocionais constantes provenientes das situações vivenciadas diariamente junto aos usuários, que lhe trazem situações sociofamiliares de vulnerabilidade social, violência, abandono, doenças e demais ocorrências sociais, culturais e econômicas que afetam a população atendida pelo Serviço Social.

Esses fatores contribuem significativamente para o desgaste físico e mental das profissionais, levando ao adoecimento.

As condições e relações de trabalho das assistentes sociais são frequentemente marcadas pela precarização, evidenciada pela falta de recursos humanos e materiais, além da escassez de apoio institucional que desvaloriza a importância dessa profissão. A redução do orçamento público, característica das políticas de contrarreforma do Estado, agrava a precarização dos serviços oferecidos. As profissionais, muitas vezes, enfrentam situações de extrema vulnerabilidade social sem recursos adequados para proporcionar o suporte necessário, o que limita sua autonomia. Esse cenário gera um ambiente de trabalho estressante e insalubre, onde as exigências superam as capacidades de resposta, aumentando o risco de adoecimento.

Além disso, as(os) assistentes sociais frequentemente lidam com relações hierárquicas opressoras, falta de reconhecimento e valorização, e uma cultura de competitividade e individualismo que prejudica a cooperação entre colegas e equipes. O assédio moral e a pressão por metas e resultados imediatos são comuns, gerando um clima de constante tensão. Essas condições de trabalho não apenas afetam a saúde mental das profissionais, mas também comprometem a qualidade dos serviços prestados à população.

A análise apresentada neste artigo, que examina o perfil das assistentes sociais e suas condições de trabalho e saúde, evidencia como os diferentes processos de trabalho podem afetar a saúde desses profissionais. A pesquisa destaca diversos aspectos relacionados ao trabalho e à saúde dos assistentes sociais, destacando a necessidade de reconhecer os processos de sofrimento e adoecimento gradual que muitas vezes são negligenciados no cotidiano.

O impacto dessas condições e relações de trabalho na saúde das assistentes sociais é significativo. Elas estão mais vulneráveis ao desenvolvimento de transtornos mentais, como depressão, ansiedade e síndrome de burnout. Além disso, problemas físicos, como distúrbios do sono, hipertensão e doenças cardiovasculares, são frequentemente relatados entre essas profissionais. O constante estado de alerta e a necessidade de lidar com situações de alta carga emocional sem o suporte adequado resultam em um desgaste contínuo, que, se não tratado, pode levar a consequências graves para a saúde.

O adoecimento dessa categoria profissional, provocado por suas condições e relações de trabalho, reflete as contradições do sistema capitalista, e sua lógica de exploração. Nesse contexto, é fundamental intensificar a luta por melhores condições de trabalho, pois somente assim será possível reduzir o adoecimento dos assistentes sociais.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Conclui-se que as condições e relações de trabalho enfrentadas pelos assistentes sociais são marcadas por uma série de desafios que impactam profundamente a saúde física e mental desses profissionais. A precarização dos recursos e a falta de reconhecimento institucional criam um ambiente de trabalho desfavorável, que aliadas às demandas que vêm se complexificando, a pressão pelo imediatismo e a sobrecarga emocional que advém do cotidiano de trabalho, contribuem diretamente para distúrbios de ordem psicológica além de problemas físicos graves.

Esse cenário reflete as contradições do sistema capitalista, que impõe uma lógica de exploração, onde o lucro é priorizado em detrimento ao bem-estar dos trabalhadores. Somente através de mudanças estruturais será possível garantir um ambiente de trabalho que garanta as condições éticas e técnicas para o exercício profissional, mais saudável e digno, que permita aos assistentes sociais exercerem suas funções com o suporte necessário e com menor risco de adoecimento e conseqüentemente garantindo a qualidade dos serviços prestados.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

CAVALCANTE, G. M. M.; PRÉDIS, R.. A precarização do trabalho e das políticas sociais na sociedade capitalista: fundamentos da precarização do trabalho do assistente social. **Revista Libertas**. Juiz de Fora, v.10, n.1, p. 1 - 24, jan-jun / 2010 – ISSN 1980-8518

CFESS, Conselho Federal de Serviço Social. **Formação, Trabalho e Participação Sociopolítica**: Dados Complementares ao Perfil de Assistentes Sociais no Brasil. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/arquivos/EbookCFESS-DadosComplementares-PerfilASnoBrasil2024.pdf> Acesso em 20 ago 2024.

CFESS, Conselho Federal de Serviço Social. **Perfil de Assistentes Sociais no Brasil**: formação, condições de trabalho e exercício profissional. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/arquivos/2022Cfess-PerfilAssistentesSociais-Ebook.pdf>. Acesso em 20 ago 2024.

MENDES, J.M.R.; WÜNSCH, D.S.; REIDEL, T. Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores(as) nas políticas sociais: contribuições para pensar a educação no/do trabalho. In: FERNANDES, R.M.C. (Organizadora). **Educação no/do trabalho no âmbito das políticas sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2019. pg. 161-178.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde do Trabalhador**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svsa/saude-do-trabalhador>. Acesso em 20 de agosto de 2024.

MOREIRA, M. C. **Determinação social da saúde: fundamento teórico-conceitual da reforma sanitária brasileira**. Dissertação de Mestrado. PUC/RS, 2013. 144f.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

REIDEL, T.; CLOSS, T.T.; MACIEL, A.L.S.; KNEVITZ, A.E.; PRATES, J.C.(orgs.) **Perfil, formação e trabalho profissional de Assistentes Sociais no Rio Grande do Sul**. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2022.

WÜNSCH, D. S. et al. Trabalho e Saúde das/dos Assistentes Sociais da Região Sul do Brasil, no Contexto de Desmontes da Seguridade Social. In: **Cativeiro neoliberal: análise das condições de trabalho e de saúde de assistentes sociais da seguridade social**. SOUZA, E. A. de [et al] (orgs.). Campinas: Papel Social, 2023. p. 223-256.